

Como parte dos eventos do aniversário de Brasília e do **Correio**, uma exposição fotográfica vai mostrar, na Casa de Chá, na Praça dos Três Poderes, momentos marcantes da história da cidade e do brasiliense



Esplanada dos Ministérios ficou lotada para receber Seleção Brasileira de Futebol em 2002



Grande passeata pela paz no trânsito no Eixo Sul reuniu milhares de brasilienses

# Uma Brasília viva e vibrante!

» JOSÉ ALBUQUERQUE\*

Para comemorar os 65 anos de Brasília e do **Correio Braziliense**, o jornal vai realizar uma exposição com 42 imagens icônicas da cidade, que ficará aberta ao público, na Casa de Chá, entre amanhã 9 e o dia 23. Hoje, a exposição receberá convidados. Com o tema "Quando os brasilienses se encontram", o evento ocorrerá no tradicional espaço administrado pelo Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial (Senac-DF) e um dos cartões-postais de Brasília.

A curadora e gestora do Centro de Documentação e Memória do **Correio**, Cilene Vieira, destaca que, durante o processo, procurou-se fazer uma conexão com o caderno especial, que comemora o aniversário de Brasília e do **Correio Braziliense**, no dia 21. "É um

trabalho muito coletivo e, para chegar àquilo que vai atender o objetivo da exposição, discutimos com muitas áreas, incluindo a redação", comenta. "A partir dessa conversa, escolhemos um tema que fala sobre momentos em que os brasilienses se conectaram, seja para comemorar, chorar ou se divertir, por exemplo", avalia.

A proposta, segundo Cilene, é desmistificar a ideia de que Brasília é individual, onde não há encontro entre os moradores e é vazia. "Ainda existe essa visão em alguns lugares do país. Na exposição, vamos fazer uma retrospectiva de momentos importantes em que as pessoas se juntaram. Claro que, por ser o centro político do Brasil, é natural que tenham imagens sobre o assunto, mas a gente tentou mostrar que há uma diversidade de interesses, nesses encontros", detalha.

Esse é o objetivo da exposição, segundo Cilene: retratar uma Brasília viva, vibrante e que se encontra, em determinados momentos da história, por algum motivo. "A parte mais difícil foi selecionar as imagens no meio de um arquivo tão grande. Mas a gente foi fazendo os recortes e procurando focar nessa diversidade de motivos pelos quais a população de Brasília se encontrou", comenta. "Essa procura foi emocionante", lembra.

## Orgulho

Ator e fundador do grupo Melhores do Mundo, Adriano Siri participará do evento de inauguração, para um bate-papo com o público. "É muito legal fazer parte desse projeto do **Correio**, veículo que está aqui desde o primeiro dia

da capital. É um órgão de imprensa pelo qual tenho muito carinho, mas, muito mais do que isso, é relevante, sério e respeitado", ressalta. "É bom acompanhar isso, ser parceiro do **Correio** nesse momento e em outros tantos, até porque o **Correio** também foi uma grande testemunha da minha carreira com os Melhores do Mundo", acrescenta Siri.

Diretor regional do Senac no DF, Vitor Corrêa afirma que a entidade tem uma enorme satisfação em receber a exposição do **Correio**. "Principalmente num espaço que é o ponto de encontro dos brasilienses, que é a Casa de Chá, local que já conta com mais de 100 mil visitantes."

\*Estagiário sob a supervisão de José Carlos Vieira

Fotos: Luís Tajés/CB/D.A Press - Zuleika de Souza/CB/D.A Press - Minervino Júnior/CB



Cilene, Chiquinho e Mauro, da equipe do Cedoc: pesquisa detalhada para recuperar momentos icônicos da capital

## Artigo

### Imagens da convivência

Quando Brasília se encontra, a exposição de fotografias que o **Correio Braziliense** oferece à cidade em comemoração aos seus 65 anos é uma celebração à coragem de um povo que sabe reunir forças. Seja para construir, comemorar, resistir, se rebelar, seja para instituir, nós, brasilienses, desde sempre ocupamos as asas e os eixos da silhueta desenhada pelo urbanista Lucio Costa.

Com suas 41 fotografias, realizadas por 21 fotógrafas e fotógrafos, vinculados em algum momento ao veículo de mídia que tem a mesma idade da capital brasileira, a exposição oferece frenético leque de imagens de manifestações vividas em e por Brasília. Figurações poderosas porque documentam momentos em que renunciávamos temporariamente, às nossas singularidades para compor coletivos de possibilidades.

Toda cidade constitui-se de encontros. Mas, aqui, somos a cidade dos encontros por excelência. Primeiro, foi a reunião das cabeças pensantes que idealizaram e projetaram

Brasília. Depois, a dos milhares de candangos, nossos valerosos construtores. Em seguida, a agregação de grande número de famílias transferidas. De norte a sul, de leste a oeste do Brasil, nos encontramos em um quadrilátero diminuto para criar uma capital, cultivar esperanças, alimentar desejos de um futuro mais inclusivo. Continuamos sendo ponto de convergências. Permanecemos a nos encontrar.

A passagem dos anos, entrecortada por uma ditadura civil-militar, transformou as formas de reunião. Deixamos de priorizar o concreto e nos encaminhamos para outro tipo de luta. Os encontros passaram a dizer respeito à expressão democrática. Diretas Já, demarcação das terras indígenas, transgressora homenagem ao presidente-fundador Juscelino Kubitschek, lamento a Tancredo Neves, mutirões de fé, mobilização pela paz no trânsito, shows, comemorações de conquistas esportivas, muitos são os temas identificados nas imagens.

Vemos as fotos e logo acionamos memórias, mas não apenas dos eventos em si. Na multiplicidade de rostos, somos devolvidos à corporeidade do estar frente a frente a questões essenciais, lado a lado ao diferente. Unidos no grito, festivos na hora certa. Somos presença nas ruas e vias, nos amplos gramados, a caminho do cemitério, nas praças. Corpos suados, corpos em posição de desafio, corpos que dançam. Somos eros, no sentido vital da palavra, de que estamos em relação com o outro.

A exposição realiza transversal salto no tempo. Não se refere à epopeia da construção e à festa da inauguração da cidade-capital planejada. Evita-se, assim, repetir imagens muitas vezes vistas. Também não apresenta fotografias dos primórdios da ditadura instalada em 1964, quando o véu do medo esmaeceu a cidade. Há na decisão da curadora Cilene Vieira uma escolha emblemática. O período escolhido situa-se entre 1968-2002.

Ainda que a foto mais antiga diga respeito à recepção da população à visita da rainha Elizabeth, do Reino Unido, a escolha da data inicial se reveste de alusões. Trata-se do ano que marcou a civilização ocidental com

a resistência, a revolta e a rebeldia dos jovens estudantes parisienses, fenômeno repetido em inúmeros países, inclusive no Brasil então dominado pela repressão do Estado autoritário.

Observa-se outra decisão fundamental ao olhar o conjunto das fotografias, que diz respeito à datação final em 2002: houve nítida determinação de selecionar imagens em que manifestações não estivessem marcadas por símbolos vinculados a partidos políticos e isso só foi possível estabelecendo essa data. A partir dos anos 2000, a polarização dos discursos se acirrou no país. Entramos em agônico processo de desrespeito, incrementado pelos desencontros permitidos pelas redes sociais.

Na configuração do painel de imagens, feita com base no corte temporal 1968-2002, não há ingenuidade. Ao contrário, identifica-se uma inteligente provocação, pois o conjunto de fotografias expõe diálogos possíveis. Na tensão das diferenças, a curadora sugere a ideia de que Brasília e o Brasil precisam reaprender a negociar formas de convivência.

Grça Ramos, doutora em história da arte